UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ISABELLA MARIN SILVA

ENTRE ÁGUA E TURBINA:
A HISTÓRIA DA CIDADE JARDIM E SUAS CORRENTES

SÃO PAULO
2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ISABELLA MARIN SILVA

ENTRE ÁGUA E TURBINA:
A HISTÓRIA DA CIDADE JARDIM E SUAS CORRENTES

Uma produção audiovisual que apresenta o envolvimento dos munícipes de Piraju com o Rio Paranapanema e sua história de represamento ao longo de décadas

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, apresentado ao Departamento de Jornalismo e Editoração.
Orientação: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

São Paulo - SP
2024

FICHA TÉCNICA

Entre Água e Turbina: A História da Cidade Jardim e Suas Correntes

Duração: 48 minutos e 3 segundos.

Idealização, Produção e Edição: Isabella Marin Silva

Orientação: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

Brasil, 2024

AGRADECIMENTOS

Os maiores merecedores desses agradecimentos são meus pais. Eu nunca chegaria a lugar algum se não fosse o amor e ajuda de vocês em todas as fases da minha vida, inclusive esta. Alçar voos e estudar sempre foi um desejo e o empurrão que vocês sempre me deram, além de viabilizar todo esse estudo e construir os degraus por onde passei. Agradeço a Deus por ter me colocado na família do João Luciano e da Maria Regina e por ter me dado pessoas tão boas para ter como meus pais. Nada seria possível sem vocês, nem mesmo engatinhar, muito menos receber um diploma da Universidade de São Paulo. Nenhum “obrigada” será grande o suficiente para agradecer, mas espero que este seja uma parcela, ainda que pequena, dele.

Não posso deixar de mencionar pessoas muito importantes da minha família que também fazem parte desta conquista, como o meu irmão, Giovanni, e meus avós, Waldir e Lúcia e João Lúcio e Ana. Vocês são responsáveis por terem criado a minha base e por darem exemplo daquilo que eu queria me tornar quando crescesse. Eu cresci e vocês estiveram lá por mim, sonhando comigo, ainda que alguns descansaram pelo caminho. Junto dos meus pais, vocês criaram o alicerce por onde dei meus primeiros passos e, por isso, o meu muito obrigada. Este diploma também é de vocês e sei que estiveram olhando por mim durante a caminhada.

Este trabalho também não seria possível sem meu orientador, Luciano Maluly. É uma honra compartilhar dois mundos contigo e ter tido um pouco de Piraju na minha vida universitária. Ter um professor que também representa o lugar de onde vim, é ter sempre um pouco de casa nessa selva de pedras. Obrigada pelas orientações e pelo ar animado e vibrante que traz em nossas conversas e nas aulas que ministrou.

Além disso, agradeço às pessoas que foram minha base e família em São Paulo e estiveram comigo nesses anos todos. Aos meus amigos, que me ouviram durante o desenvolvimento deste trabalho e são meus fiéis escudeiros, obrigada. Lucas, Rebeca, Lívia, Sarah: vocês foram meu porto seguro quando tudo ruía à minha volta e, por isso, devo a vocês parcelas de mim. Vocês foram minhas alegrias no caos e ainda são.

Aos meus amigos com quem compartilhei parcelas importantes da minha vida, noites de Among Us, aventuras, dores, alegrias e, por isso, hoje temos histórias para contar, agradeço especialmente a Mara, a Sardinha, a Noesi, o Mateus e o Cadu. Também agradecer a Mari, o Theo, o Bruno, a Maria Clara, o Flip, a Luana e o Tobia por fazerem da minha estadia na selva de pedras um lugar mais legal.

Por fim, agradecer ao meu amor, Gui. Amo compartilhar a vida contigo e te ter ao meu lado. Obrigada por ter sido minha rocha nos momentos mais difíceis durante essa caminhada.

ÁGUA BOA

Cidade onde a água faz curva,
A curva do rio,
A rua na margem,
A margem do rio,
A lua no meio,
No meio do rio,
O rio corrente,

O rio corrente,
A água passando,
O tempo batendo,
A água levando,
A água lavando,
Mil peixes, mil copos,
A água faz curvas,
Além, muito além dessa curva
E vai, vai, vai, vai, vai…

Rio que não é reto, é denso,
Rio que ponte abaixo tem garganta,
Rio que pouco acima faz lagoa,
Rio de água boa,
Cidade na margem,
O mar fica longe,
O sol fica aqui,
Paranapanema verde

Rio que vem lá da usina,
Águas descendo,
Descendo, descendo, descendo,
Essa cidade é o cais, cais, cais…

Paulo Viggu,
professor, artista e ativista pirajuense

RESUMO

O presente trabalho trata sobre o município de Piraju e as usinas localizadas em sua região que representam a força das águas do rio Paranapanema. O filme esmiúça a relação do pirajuense com o rio e elabora sobre o histórico de usinagem no município, além de mostrar como essas alterações modificaram a vida da comunidade no local e acarretaram em conflitos e lutas. “Entre água e turbina: a história da cidade jardim e suas correntes” é uma peça audiovisual que fala de casa e da relação de afeto com um bem natural dentro de um município, mas também sobre conflito com a construção de usinas e luta ambiental. A peça busca explorar a relação do munícipe com seu território e na defesa dele, com os desfechos gerados pela construção dos empreendimentos na região e proteção de um bem natural tão querido pelos locais.

Palavras-chave: Piraju, rio, Paranapanema, município, água, usinas, conflitos, lutas, natureza.

ABSTRACT

This work deals with the municipality of Piraju and the power plants located in its region that represent the power of water in the Paranapanema River. The film examines the relationship between the people of Piraju and the river and elaborates on the history of power plants in the municipality, as well as showing how these changes have also altered the life of the local community and led to conflicts and struggles. ‘Between water and turbine: the story of the garden city and its currents’ is an audiovisual piece that talks about home and the relationship of affection with a natural asset within a municipality, but also about conflict with the construction of power plants and environmental struggles. The play seeks to explore the relationship between the townspeople and their territory and their defence of it, with the outcomes generated by the construction of projects in the region and the protection of a natural asset so dear to the locals.

Keywords: Piraju, river, Paranapanema, municipality, water, power plants, conflicts, struggles, nature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 8
2. OBJETIVO 9
3. METODOLOGIA 9
4. ENTREVISTADOS 10
5. RESUMO DA OBRA E SEUS BLOCOS 11
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 12
7. REFERÊNCIAS 13
8. APÊNDICE 14

INTRODUÇÃO

A eleição por Piraju é pessoal. É casa, a minha casa. Nasci e cresci nesse lugar que tem quase 30 mil habitantes. Sempre tive o rio Paranapanema presente na minha vida, mas nem sempre tive total ciência de sua história e relevância para o município. Este trabalho traz essa base, com o intuito de mostrar a relação dos pirajuenses com o rio e elaborar um repositório de informações e relatos que levam o espectador a entender sua história e o porquê dos conflitos e lutas. Conhecido como Estância Turística de Piraju, seus habitantes são presenteados por um rio que corta a cidade de norte a sul. Dizemos que o rio é o nosso quintal, e ele literalmente é: a cidade é um vale. De certa maneira, ao caminhar por Piraju, diversos rumos levarão ao rio Paranapanema.

A defesa de suas águas pelos pirajuenses começa anos depois da construção da primeira usina, na década de 30. Era a Usina Hidrelétrica Paranapanema, situada no meio da cidade. No início, a construção foi vista como um avanço desenvolvimentista importante, algo que foi comemorado pela população da época. Com o passar do tempo, chega a Usina Hidrelétrica de Jurumirim (Armando Avellanal Laydner), na divisa de Piraju com Cerqueira César, na década de 60. Nesse momento, os munícipes já tinham uma outra relação com o rio, sendo utilizado para atividades recreativas. Aos poucos, o rio passa a ser um ambiente que permeia a vida dos habitantes e vira um lugar afetivo da comunidade. É aí que começam as movimentações para sua defesa e proteção, entendendo sua relevância e a riqueza que suas águas representam. Apesar do início dessa força de conscientização e proteção do rio, suas águas seriam barradas novamente pela Usina Hidrelétrica Piraju, na Rodovia Raposo Tavares, km 321, sendo inaugurada no início dos anos 2000. Ficam, portanto, construídas as três usinas da região de Piraju, das onze que existem em toda a extensão do rio Paranapanema. Alguns entrevistados mencionam, ainda, uma quarta usina de Piraju, que seria a de Chavantes, a alguns quilômetros de distância do município e que também acarreta em impactos para a região.

Outra motivação para as lutas e, para além disso, um dos pontos que este trabalho deseja apresentar e revelar a importância, são os últimos quilômetros de corredeiras naturais

que existem na cidade. O Salto Piraju — ou Garganta do Diabo, forma como foi apelidada pela comunidade — são águas que correm livres e representam a enorme força das águas do rio Paranapanema. Por isso, também, que o apelido faz referência a essa figura: apenas pela observação de sua água é possível entender a força que tem, força esta que também é observada e desejada para construção de novas usinas por grupos empreendedores. É nesse ponto que a produção audiovisual, formato escolhido para este trabalho, é colocada: Piraju é uma cidade com diversas usinas em sua região e que, junto disso, resiste a tentativas de novos empreendimentos que desejam barrar a força de sua correnteza, matando, assim, seus últimos quilômetros de corredeiras naturais. Isso é o que o trabalho deseja explorar, a relação do pirajuense entre afeto e luta por um rio que passa por seu território e a história que essas águas trazem, após tantas tentativas de barrá-la. Ao assistir o filme, será possível entender que essa história é corrente, e está suscetível a novos desdobramentos. Afinal, isso é o que o jornalismo traz em sua essência, escrever a história conforme ela acontece — ou melhor, documentá-la. O desejo com esse trabalho é o de contar a história até aqui, com a contribuição de agentes que participaram à época dos conflitos e também preparar o terreno para os novos que virão.

2. OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é apresentar um filme sobre a relação dos munícipes de Piraju com o rio Paranapanema e também sobre seu processo de usinagem. O olhar é voltado para os pirajuenses e o rio, a história das usinas na cidade e seus impactos para a região, assim como explorar mais o entrelace entre os represamentos e os ativistas e a relação de luta e amor com as águas deste rio que atravessa o município interiorano.

3. METODOLOGIA

Para a elaboração deste trabalho, foi lida uma coletânea de estudos sobre o rio Paranapanema e a relação das usinas na região de Piraju, no formato de livros, teses,

recortes de jornais antigos e todo material teórico que foi alcançado. Para esse momento, vale ressaltar a leitura da tese de doutorado de José Luiz Fernandes Cerveira Filho, “Pós-Modernidade e Risco na Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema: uma análise da construção social da sub-política ambiental no município de Piraju (SP)” e o livro “Energia das águas: paradoxo e paradigma”, de Rodnei Vecchia, assim como a monografia de Adriana Garrote "Estudo da percepção dos pescadores do rio Paranapanema no município da estância turística de Piraju e a importância do tombamento do último trecho de calha natural do rio".

Depois de lido o material de base, foram feitas entrevistas com as fontes que estão descritas no próximo bloco deste relatório. Com as conversas gravadas, foi o momento de organizar o material que iria compor a produção final, junto de uma seleção de um material complementar, com arquivos antigos do rio Paranapanema, vídeos feitos no Acervo Municipal de Piraju e na Biblioteca Municipal de Piraju, entre outros. Em seguida, com a organização de todo material, foi elaborado o roteiro do filme e feita sua edição.

4. ENTREVISTADOS

Este programa reuniu entrevistas com sete pessoas, são elas: Adriana Garrote, professora do ensino básico em Piraju, ativista e ex-presidente da ONG Teyque’-pe’; Paulo Viggu, professor, músico, poeta, compositor e ativista; José Luiz Fernandes Cerveira Filho, professor de sociologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e escritor da tese “Pós-Modernidade e Risco na Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema: uma análise da construção social da sub-política ambiental no município de Piraju (SP)"; Rodnei Vecchia, administrador de empresas, professor e autor do livro “Energia das águas: paradoxo e paradigma”; Ricardo Assaf, ativista e ex-presidente da Adevida (Associação de Defesa da Qualidade de Vida e Educação Ambiental de Piraju); Ricardo D’Ercole, engenheiro florestal e ativista e; Tânia Guerra, jornalista e ativista. Todos os entrevistados são pirajuenses.

5. RESUMO DA OBRA E SEUS BLOCOS

A produção audiovisual foi dividida em quatro blocos principais. Embora eles não tenham sido nomeados ou anunciados de forma direta ao espectador por preferência da autora, cada trecho do programa fica demarcado com transições, mudanças na abordagem e também pelas informações apresentadas durante a exibição.

O primeiro bloco é uma introdução da relação do pirajuense com o rio Paranapanema, apresentando recortes das falas dos entrevistados sobre suas recordações e memórias da infância no rio. Com o decorrer das falas, o espectador é direcionado a entender a importância do rio para com os munícipes, e esse relacionamento vai sendo aprofundado conforme o filme corre e com mais contexto sobre essa relação. A localização do rio que atravessa a cidade ao meio, por exemplo, é um detalhe que é revelado durante esse primeiro momento.

O segundo bloco da produção direciona o entendimento do espectador para o que acontece no município de Piraju e o porquê a defesa do rio se fez necessária: quais são suas ameaças e como elas se iniciaram. Com isso, temos uma pequena introdução sobre as usinas e seu processo de represamento, que data desde a década de 30. Essa explanação sobre a cidade de Piraju e suas barragens tem relação direta com os recortes que vem a seguir, que falam sobre os impactos do represamento das águas e o que isso acarreta para a comunidade e região.

O terceiro momento do filme e, por sua vez, o mais longo, fala sobre o início do represamento a partir de um olhar analítico das necessidades e visões da época e continua, de forma linear, ao abordar o início da história de luta dos ambientalistas — o que José Luiz Cerveira irá apelidar de “Os Verdes” na década de 70. A produção segue com falas de pessoas que estiveram presentes nos primeiros embates ambientalistas em defesa do rio, como o relato de Ricardo Assaf e a atuação de sua mãe e avó na Adevida, e continua retratando a história até chegar aos conflitos dos últimos anos e suas extensões. A intenção não é recontar toda a história de luta dos ambientalistas em prol do rio, mas apresentar uma

síntese de uma história longa e densa que existiu e está ativa até hoje, com outras entidades e defensores. O terceiro momento mostra como a história do rio com as usinas é iniciada, por um olhar mais teórico-social, e sua relação com os munícipes que tomam a frente da defesa das águas e os principais desdobramentos até então.

O quarto e último bloco da produção traz o que os entrevistados esperam, querem e pensam para o rio nos próximos anos. É uma conclusão a partir dos relatos apresentados durante todo o filme e concepções para os próximos anos. As falas permeiam as vitórias das lutas pregressas, o sentimento de proteção para com o rio caso ocorra novas ameaças e reflexões sobre a capacidade de geração de energia de Piraju.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei este trabalho para falar de Piraju e o que acontece a um município e sua comunidade quando suas águas são represadas de forma excessiva e acredito que saio com algo ainda maior. Falar de Piraju é algo fácil, na medida que é minha casa e conheço essa cidade desde o início da minha existência. No entanto, como uma cidade que tem muita história e muito disso fica registrado principalmente na mente e lembranças de quem viveu, tive dificuldade de recuperar os acontecimentos e colocá-los na ordem correta e apurar isso acuradamente. Além disso, um dos intuitos na produção era o de criar um filme que pessoas que não tivessem qualquer relação com Piraju pudessem compreender como os fatos se sucederam.

Uma das coisas que mais me apaixona no jornalismo é a de que esta é a profissão que escreve a história conforme ela acontece. Nessa produção audiovisual, ousei recontar a história tomando por parte os relatos de quem viveu os fatos e também daqueles que estudaram o assunto. A informação é parte fundamental para entender aquilo que acontece ao nosso redor, porém, nesse caso, ela representa mais do que somente isso. Um pirajuense conhecer sua história e como os fatos se deram, fatos estes que iniciam na década de 30

com a primeira usina e repercutem até hoje, não é apenas preencher um vazio informacional: é conhecer mais de quem se é e o que há ao seu redor.

Estudando e "jornalistando" sobre Piraju, posso afirmar que vejo minha cidade de outra forma e aquilo que ela oferece aos seus filhos. Este trabalho teve grande força nesse novo olhar, que o direciono a esse município que me deu terra desde meu nascimento. Sou outra pirajuense depois desse filme e espero que o mesmo se reflita em outros que o verão no futuro.

Por último, acredito que uma das contribuições do filme é documentar e tornar acessível as entrevistas realizadas. Essas conversas são fontes da própria história do município e tudo aquilo ao qual ela foi submetida nas últimas décadas. Meus entrevistados são pessoas que tiveram e ainda tem grande envolvimento com os acontecimentos do município, e ter suas entrevistas gravadas com toda a discussão a qual o filme propõe é de uma riqueza ímpar. A informação é um dos maiores bens que um ser humano pode regalar a outro, e essa produção é um presente para a documentação da história dessa cidade. Que este trabalho seja apenas um dos muitos trabalhos sobre Piraju e sua história, e que nossa comunidade possa estar sempre próxima de sua origem.

7. REFERÊNCIAS

CÁCERES, Miguel F.S. **Piraju: memórias políticas e outras memórias**. 2001.

CÁCERES, Miguel F.S. **Ataliba Leonel: panorama de uma época.** Editora Gril, 2008.

CERVEIRA F., José Luiz F. **Pós-Modernidade e Risco na Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema: uma análise da construção social da sub-política ambiental no município de Piraju (SP).** 353 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, 2007.

PASCHOARELLI, Maria Adriana de Barros Garrote. **Estudo da percepção dos pescadores do rio Paranapanema no município da estância turística de Piraju e a importância do tombamento do último trecho de calha natural do rio**. 94 f. Monografia (Especialização em Gerenciamento de Recursos Hídricos e Planejamento Ambiental em Bacias Hidrográficas) – Universidade Estadual Paulista. Campus Experimental de Ourinhos, Ourinhos, 2012.

VECCHIA, Rodnei. **Energia das águas: paradoxo e paradigma**. Rodnei Vecchia. Barueri, Manole, 2014.

PIROLI, Edson Luís. **Água: Por uma nova relação**. Jundiaí, Paco Editorial, 2016.

8. APÊNDICE

Poema de Alceu Strazzi de Chagas Araújo, seguido por imagens de Piraju com som de água corrente	O rio é vida. O peixe é símbolo. O rio é esperança para o homem sonhador com que o menino foi transformado.
José Luiz Cerveira	Eu acho que uma das primeiras imagens que eu lembro da minha vida é uma luz refletindo no rio Paranapanema.
Paulo Viggu	Minha relação inicial com essas águas vêm da infância, claro.
Tânia Guerra	Ah, Piraju é o meu berço, né? E o Paranapanema é o espelho da minha alma, entendeu? É o espelho da minha alma.
Rodnei Vecchia	O rio Paranapanema faz parte intrínseca da vida de todo pirajuense. Nos meus principais momentos na cidade, o rio estava presente e está até hoje.

José Luiz Cerveira	Tem um momento aqui, na minha geração, que se você não soubesse nadar, você estava fora das brincadeiras, entendeu? A brincadeira era no rio. Jogava bola, saia dali, pulava no rio e começava já a brincar de pega-pega debaixo da água. Era no mergulho.
Rodnei Vecchia	Eu aprendi a nadar naquele rio com 9, 10 anos de idade. Ali no Iate Clube Piraju, que antigamente chamava-se SAP - Sociedade Atlética Paranapanema. Tinha um negocinho lá chamado “Vezinho”. Era em formato de um V e tinha um trampolim no rio. Então esse “Vezinho” era para quem queria começar a aprender a nadar e a gente atravessava o rio de um lado para o outro. Minha mãe, se soubesse disso, não me deixava mais ir no clube. Quantas vezes fizemos isso, aquelas loucuras de adolescente.
Tânia Guerra	A gente saía da aula, ia para casa, fazia tarefa e descia para o rio. Tudo a pé, né? E a hora que a gente estava subindo, no final da tarde, as cigarras começavam a cantar. Aquela coisa deliciosa.
José Luiz Cerveira + Vídeo da curva do rio	Acontecia, depois de bailes, depois de festas de final de ano, a gente ia tudo na curva do rio. Não tinha aquelas grades, eram pedras. A gente ia nadar, ia namorar, ia fazer o final da noite ali.
Paulo Viggu	Tive uma infância com bronquite até os sete anos de idade, quando um médico sugeriu que era necessário que eu começasse a nadar para uma possível cura de bronquite asmática. E com certeza fui curado e comecei aí minha relação com as águas.
Adriana Garrote	O Paulo Zocchi fez um livro encomendado pela Duke Energy, *o Rio Paranapanema: da Nascente à Foz*, ele descreve a nossa comunidade local aqui como a mais irmanada com o rio, a que se sente irmã do rio, devido ao fato dele estar aqui no nosso dia a dia, a gente não precisa

	percorrer alguns quilômetros para chegar até ele. Ele está dentro da nossa cidade, ele divide a cidade do norte ao sul. Então, ele realmente está cravado, não só dentro da nossa cidade, como dentro do pirajuense.
Rodnei Vecchia	Mas é uma coisa curiosa, porque o rio, como ele está ali dentro daquele contexto da cidade, você nasce e aquilo já faz parte da tua vida, o rio e o entorno.
Paulo Viggu + Vídeos do rio Paranapanema + Música: “Rei e Rio”, de Paulo Viggu	Tenho essa relação com esse rio e de total, primeiramente, devoção, inspiração artística e respeito. Principalmente a essa vida existente nele e o compromisso que nós temos por ele passar cortando esse município. Esse é o ponto mais importante que eu traduzo como um ser humano e a relação com o meio ambiente, traduzindo o rio como o nosso maior patrimônio, primeiramente, compreendendo a importância desse patrimônio porque é um patrimônio imaterial e sempre pensando que é necessário o ser humano agregar o valor da vida, entendendo que essa cidade, sem esse rio, eu acho que ela não se suportaria. Esse é o meu ponto de inflexão, primeiramente, para um objeto desse tamanho.
Adriana Garrote	O doutor José Luiz Cerveira tem um livro que ele cita, que ele fala dos seis Teyquê-pês que tinha no rio Paranapanema. Esses Teyquê-pês seriam lugares de paragens, seriam lugares de descanso, assim, de um regalo antes de continuar o percurso dos indígenas. E o único que não está submerso é o nosso Teyquê-pês aqui em Piraju.
Paulo Viggu	Piraju, terra agraciada por águas desde sempre e que desde sempre também me fez olhar para o compromisso que um município agraciado por essas águas, que compromisso é necessário para que a questão, para que haja relevância para o ser humano e para as águas.

Adriana Garrote	As pessoas precisam ter a dimensão exata do que é defender o Salto do Piraju, ou a “Garganta do Diabo”, como costumam falar, porque é muita história. Nós temos também vários sítios arqueológicos por toda a beirada do rio. Então nós temos sítios de oito mil anos. Nós tínhamos aqui os homens das cavernas, os Umbu. O Salto do Piraju é a nossa carteira de identidade, a nossa certidão de nascimento. Ali se deu a origem da cidade. Então é um local primeiro nosso, de todo pirajuense. Então, por isso que a gente luta tanto para preservar.
Paulo Viggu	Sete quilômetros de águas livres. Águas livres, devemos dizer, a maneira que esse rio se apresentou, antes, bem antes, de todo o seu procedimento de usinagem. Isso, para mim, é a chave da minha militância, talvez esteja aí.
OFF	+ Trecho das corredeiras naturais de Piraju + Recorte de vídeos antigos sobre a usina Paranapanema. Fontes: “Cidade de Piraju em 1951”, de Carrari Filmes e “Pirajú e a sorocabana”, de Campos Filme
Rodnei Vecchia	A primeira usina de Piraju, na década de 1930, aquela que fica dentro da cidade, com aquela queda d'água. Depois veio a usina Jurumirim, que tem uma bacia maior que a bacia de Guanabara, em capacidade de água, para você ter ideia do tamanho daquilo, na década de 60. Depois veio a usina CBA, agora no final dos anos 90, que foi a última das três. O rio Paranapanema tem 11 usinas. Este complexo de usinas no rio Paranapanema responde por cerca de 5% da energia elétrica produzida para o Brasil. Olha a capacidade disso.
Ricardo D’Ercole	Piraju é uma das cidades que mais tem geração de energia concentrada no município. É uma das maiores do mundo, eu diria. Não sei dizer, é um dado difícil de compilar. Mas do Brasil, seguramente, se você olhar o percentual do

+ Imagens das usinas, a UHE Paranapanema, UHE Jurumirim e UHE Piraju	município. Temos quatro usinas que interferem, direta ou indiretamente, no município. Nessas coisas todas. Primeiro, a questão da paisagem. Uma estância turística que abre mão do seu atributo cênico. Poxa vida, você abre mão de uma área com essa água corrente. Era uma época em que se achava que o fato de não precisar gerar energia de combustível fóssil por si só já era, ou pela queima de produtos, termelétricas e tal, já era por si só algo extremamente limpo. Sob um determinado ângulo, dá até para dizer que sim, mas traz um monte de aspectos juntos. Aspectos sociais que até então não eram considerados. Então você tem pessoas que são atingidas no seu habitat natural e têm que sair, e nem sempre foram ou são indenizadas de maneira adequada. Você altera toda a vida de uma comunidade. Você tem os problemas ambientais que são enormes. Eram usinas que foram criadas numa época em que você precisava fazer reservação. A tecnologia não era como é hoje, que já melhorou, que se tem umas usinas de fio d'água você não precisa de grandes reservatórios. Mas não é o nosso caso, aqui nós temos de tudo. Então esse é um aspecto complicado da geração de energia, principalmente nesse modelo de geração de energia, principalmente numa cidade pequena como a nossa, uma cidade que o rio tem uma identidade, a população tem uma identidade com o rio enorme. O rio faz parte da vida das pessoas, da história das pessoas.
Rodnei Vecchia	Quando você mexe em algo que foi construído milhares e milhares de anos, como o curso natural de um rio, você provoca impactos. No caso de usina hidrelétrica não é diferente. Você estipula uma determinada obra, normalmente uma obra de porte médio ou grande, e você está mexendo num curso de um rio que foi construído por milhares e milhares de anos. Então ali você tem uma fauna, uma flora, você tem o *modus operandi* dos peixes, dos animais aquáticos que ali vivem milhares e milhares de

	anos. À medida que você mexe nisso, você impacta certamente a fauna e flora da região. Para construir uma obra você tem que desmatar, você tem que alagar. Esse alagamento de áreas que eram terra vira lago. Você muda todo o sistema ambiental da região. Em Piraju, teve até um estudo, na época, de insetos que chegaram para o local onde não havia, quando foi feita a usina CBA, no final dos anos 2000. Você traz também com isso pragas e outras coisas que impactam, obviamente, na saúde das pessoas em última instância.
Ricardo D'Ercole	Esse contraponto que se põe, de dizer que gera emprego, é nada. A gente sabe que as usinas, principalmente as de hoje, são absolutamente automatizadas. E altera sim, os aspectos ambientais são enormes. Você perde terra fértil, um monte de terra fértil alagada, vegetação nativa também alagada, a fauna é comprometida, a ictiofauna, então, nem se fale. Uma vez que você tem um operador nacional do sistema que define a vazão, o controle, o momento, enfim, o volume.
Adriana Garrote	A gente tem a ilusão de que vai trazer prosperidade, riqueza para a região, mas, na verdade, ela movimenta um pouco o comércio quando ela começa a ser instalada que traz pessoas de fora, mão de obra qualificada, não utiliza mão de obra local. E é onde sobe o preço dos aluguéis, sobe o preço de tudo, de toda qualidade de vida. Então, há um ápice aí. E depois que constrói e está tudo funcionando, eles vão embora e tem uma queda em tudo isso. Procura por escolas, por hospital e tudo mais que é necessário. Só que os aluguéis continuam lá em cima. Piraju é uma das cidades mais caras devido a isso. Isso é um passivo de usina já relatado em vários livros, desse passivo que fica tudo no alto. Não volta à normalidade da vida interiorana. Depois que subiu o preço, teve aquele up,

	não tem como mais retornar. A comunidade local ainda tem que conviver com os preços altos de alimentação, vestuário, aluguel, moradia. Então, realmente a gente não vê nenhum benefício para a cidade, esse tipo de empresário que vem fazer esse tipo de empreendimento, para a geração de energia elétrica. E é um modelo totalmente ultrapassado de geração de energia.
Rodnei Vecchia	Os funcionários contratados para construir a usina ficam na cidade por um determinado tempo. Acabou a construção, eles vão embora. E esse pessoal que fica lá, alguns até acabam ficando na cidade, mas é minoria. Mas eles deixam um lastro de filhos para mães solteiras, de doenças venéreas e demandam serviços da cidade, que às vezes a cidade não está preparada para fornecer. Então, normalmente tem uma carestia de alimentos. Você mexe no pequeno micro-organismo econômico da cidade por conta dessas pessoas a mais que estão ali. Óbvio que você faz uma obra desse porte, você vai atender claramente ao município de Piraju por energia, com as três usinas que temos lá. Pode acabar a energia no Brasil, mas em Piraju não acaba. Então, nós temos autossuficiência e, entre aspas, nós exportamos o excesso para o país. Piraju, eu costumo dizer, já contribuiu nesta parte de geração de energia elétrica de há muito com as usinas que lá estão.
OFF	+ Vídeos das usinas de Piraju, a UHE Paranapanema, a UHE Jurumirim e a UHE Piraju. Um dos vídeos mostra a cidade do alto e direciona a câmera para as redes de transmissão de eletricidade, instaladas na UHE Paranapanema. Ao final, uma imagem de como Piraju era antes da construção das usinas. BG: Go Baroque - Freedom Trail Studio

José Luiz Cerveira	O Rio tinha essa dificuldade geográfica mesmo, de transposição. Então, se pensar na construção de uma usina, com uma ponte definitiva, que pudesse trazer uma segurança na mobilidade, era muito bem-vinda. Então, isso foi comemorado. E, de novo, como um aporte desse desenvolvimentismo que significava Piraju naquele momento, nos anos 20, quando essa usina Paranapanema começa a ser construída. Então, ela passa a ser construída com sinônimo de potência econômica, política da cidade de Piraju. Então, ela é aclamada. Ela é comemorada de todas as formas. Piraju tem uma ligação com o setor elétrico que é bem anterior à construção dessa usina. Piraju, em 1905, teve a construção da pequena usina Monte Alegre, que fica a cinco quilômetros da cidade, mas ela foi responsável por transmitir energia elétrica para a cidade já em 1905. Munícipes vão dizer que foi para iluminação residencial, mas a história mostra que era uma energia que estava muito mais disposta para usinas de beneficiamento de café. Quer dizer, Piraju estava entrando nesse desenvolvimentismo cafeeiro que foi tão importante para o Brasil nesse período que eu chamo de baixa modernidade.
OFF	Trecho do Jornal O Comércio de Piraju, em 1963 Recorte do jornal “Piraju e o potencial hidrelétrico do Paranapanema”, de Manoel Domingues. + Narração por Lucas Zacari
José Luiz Cerveira	Esses grupos sociais que viviam aqui nos anos 20, 30, comemoraram esse desenvolvimentismo e foi muito importante para a cidade, trazendo, por exemplo, um outro tipo de relação que o munícipe tinha com o rio. Aquilo que era um rio caudaloso, perigoso, de dificuldade de transposição, muitas vezes, se tornou um lago. Um lago com águas calmas, relativamente calmas. Tinha uma

	correnteza, mas perto do que havia antes, não se compara. Então, começa a haver atividades, por exemplo, ligadas a barco, ligadas a esportes náuticos. Então, passa a haver, vamos dizer, a criação de espaços de contemplação do rio. O rio passa a ter uma outra finitude para o munícipe pirajuense. Passeios na beira do rio, passeios de barco, a ideia da procissão fluvial. A geração subsequente, nos anos 60 e 70, já é uma geração que não está apenas nadando e andando de barco. Ela está descobrindo cachoeiras, ela está, cada vez mais, indo buscar a ideia de um rio saudável, de um rio bonito, de um rio bucólico. Porque essa é a primeira geração que vai lidar com os conflitos. As ameaças, por exemplo, ameaças de construção de uma indústria que pudesse poluir o rio. Então, essa geração olhou para o rio e falou: “mas nós vamos perder isso?”. E, ao mesmo tempo, já era um período de televisão, de informação, chegavam as informações do que estava acontecendo em São Paulo, o rio Tietê, a gente visitava São Paulo, aquele mau cheiro, “é isso que nós queremos para Piraju?”
Rodnei Vecchia	Na década de 70, começou-se a formar uma consciência ambiental nos moradores de Piraju. E isso aflorou com uma pretensa construção de uma fábrica da BrasKraft, num leito do rio Paranapanema, próximo a Angatuba, que ia jogar um sem número de detritos na usina de Jurumirim, que é uma das três no município de Piraju. E o pessoal percebeu o dano que isso ia causar. E muitos que lá estavam, normalmente jovens, começaram um movimento muito forte de gestões, junto a autoridades, para que não se implantasse essa fábrica de papel e celulose no município de Angatuba. Isso gerou um primeiro movimento, antes até de que essa consciência ambiental tomasse corpo por vias legais, em projetos, em leis, em regulações do país.

José Luiz Cerveira	Então essa força política de impedir a construção de uma usina de papel e celulose em um momento onde o povo não tinha voz, trouxe muito significado, muita representação, muita potência para essa voz pirajuense. Então, no final dos anos 70, e começo dos anos 80, a comunidade tinha a certeza que nada aconteceria com o rio a mais do que ela não quisesse. Eu acho que é o momento de tomada de posse. Posteriormente, a geração, anos 80 e 90, está bem descrita na tese, foi a geração que se posicionou como ativistas ambientais. Aí que eu falo do surgimento dos verdes.
Ricardo Assaf	Podemos começar? Bom, a minha participação nessas manifestações, nesses atos todos que a gente teve aqui, toda a criação de lei e tudo mais aqui, para proteger o rio Paranapanema, o nosso trecho aqui do rio, vem desde lá de 1983. O que aconteceu, na verdade, é que houve uma chuva muito forte, eu não me lembro exatamente o ano, se foi 83 ou 84, mas essa chuva destruiu a casa de máquinas ali da usina Paranapanema e eles precisavam reconstruir. E eles resolveram baixar o leite do rio, secar o leite do rio, exatamente na semana entre o Natal e o Ano Novo. E quando eu cheguei aqui no final de semana, que eu tomei conhecimento dessa situação, eu achei um absurdo, porque em plena piracema, época de reprodução de peixes, em uma cidade turística, que precisa tanto do rio e tal, eu procurei alguns amigos e disse, vamos ver o que a gente pode fazer. Na época, a legislação era toda diferente, não tinha construção de 88, foi em 1984, eu acho. Então nós entramos com uma ação, na época eu não lembro se era ação popular, não me lembro bem. E para tentar adiar o final da piracema, para depois que a piracema acabasse. Conseguimos até na época uma ordem judicial para que adiassem, mas era o grupo votorantim, e eles voltaram para a gente, na própria ação, com multas abusivas,

	aquela coisa de milhões. Nós acabamos tendo que fugir da ação.
José Luiz Cerveira	Então essa turma trouxe uma novidade científica para o processo. Mostraram estudos que, se fizesse a depleção do rio naquele momento, ia comprometer diversas espécies da biota, e foi uma briga que não teve sucesso, do ponto de vista popular, porque não havia nenhuma possibilidade de representação. Então o grupo Votorantim, com apoio do governo do Estado, baixou a água do rio, fizeram os reparos que eles tinham que fazer em período de piracema. Eu estava, eu era criança, eu tinha 14 anos, mas eu fui na passeata que teve antes, pedindo para não baixar a água do rio, e depois de tudo isso que aconteceu, essas reformas, etc., dois meses depois, teve uma passeata que foi mais contundente, daí protestando contra o que tinha acontecido.
Ricardo Assaf	Esse foi o começo, né? Foi o comecinho, aí a gente começou a ter noção de que a gente não mandava nada na nossa cidade, entende? O rio que a gente ama tanto, cresceu nadando no rio, pescando, enfim. Faz parte da vida, da infância da gente, né? A gente não podia vir alguém de fora aí, decidir, e a gente tinha que simplesmente engolir.
José Luiz Cerveira	Essa do começo dos anos 80 foi decisiva para essa mudança de paradigma, porque o que viria a partir disso, dos anos 80 e 90, é uma conflagração do conflito mesmo, porque daí o grupo Votorantim também entendeu que era uma comunidade quase que amotinada contra a construção de usina hidrelétrica, e que, na época, isso não importava muito para os grupos empresariais, né? Ao passo que a comunidade também se sentiu empoderada e bateu de frente. Então começou a apelar para a Câmara de

	Vereadores, para a Assembleia Legislativa Estadual, começou a usar recursos que o grupo Votorantim também não sabia que a comunidade tinha. Então essa turma também foi responsável por ensinar esse caminho.
Ricardo Assaf	Até que chegou em 1992, que apareceu um projeto da CBA, do grupo Votorantim, para construir uma usina, a usina Piraju. Afinal, foi construída, mas não da forma que eles queriam, que desviaria o rio. O rio aqui na cidade faz uma espécie de ferradura. A cidade fica aqui, eles iam desviar o rio. Então o nosso parquinho aqui, o lugar que nós crescemos aí, ia virar um esgoto, um mosquito. Enfim, um problema sério. Nós fomos procurar uma forma de ter acesso ao EIA/RIMA, ao Estudo de Impacto Ambiental e o Relatório de Impacto Ambiental. Na época, o Ricardo D'Ercole tinha acabado de se formar em Engenharia Florestal e estava estagiando na Secretaria do Meio Ambiente. E eu procurei por ele para ver como é que funcionava, como é que a gente podia ter acesso ao documento, se era um documento público e tal. E a informação que eu tive é que não tinha documento nenhum lá ainda e que mesmo se tivesse, a gente não poderia tirar cópia, enfim. Eles não davam todo o acesso que a gente precisava. Eu sei que nós demos uns pulos aí, demos um jeito, e acabamos conseguindo uma cópia desse documento. Conseguimos uma cópia do EIA/RIMA. Quando começou a mostrar para a população do que se tratava, o tanto de problemas que iam ficar para trás, para nós, na verdade, porque eles iam fazer a usina, iam ficar tranquilos, e a gente que ia arcar com as consequências todas desse desvio do rio, todas as questões, desmatamento e tudo mais. A gente conseguiu uma mobilização boa. Os professores montaram uma ONG, minha mãe e minha avó participaram, minha avó na época com 80 anos já, lutando a guerrida ali, família toda

	envolvida, as famílias se envolveram mesmo, não foi só a minha, eu estou falando do meu caso.
José Luiz Cerveira	A Adevida foi uma instituição, a primeira ONG, vamos dizer, ambiental de Piraju, dos anos 70, formada por essas professoras que eu te disse, que na verdade deram a cara delas, o nome delas, para representar um movimento que tinha milhares de pessoas abraçando o rio. Eram formadas por senhoras, professoras, conservadoras. Então, quando elas vão para a rua de peito aberto, mostrando que a defesa do verde não era nenhuma extravagância, era uma necessidade, isso traz um conforto para as pessoas e libera as pessoas a poderem se manifestar e dizer “eu também sou contra, eu também sou contra. Olha lá, dona Selma, olha lá dona Carlota, essas professoras nossas, dizendo vamos lutar pelo meio ambiente, claro”. Então, assim, uma força incrível.
Ricardo Assaf + Imagens da UHE Piraju	Elas multiplicaram demais, elas elevaram a questão exponencial, não foi multiplicação. Porque professor dentro da escola atinge um público enorme, imenso, e mesmo fora da escola, porque são muito respeitadas. Por serem respeitadas, todos ouviam. E tivemos sucesso, tivemos sucesso, porque a população toda entendeu o problemão que seria, que a usina ia ser bonitinha, os caras iam ganhar uma boa grana e nós íamos ficar com o ônus. Nós íamos ficar com todo o ônus, todos os problemas. Enfim, culminou com uma reunião do Comitê de Bacias do Paranapanema, aqui nós conseguimos trazer a reunião para Piraju, e aqui nós fizemos uma exposição do EIA/RIMA e mostramos alternativas ao desvio do rio, o que eles poderiam fazer e obter mais ou menos a mesma quantidade de eletricidade gerada. E o comitê acabou barrando o projeto de desvio do rio, e eles optaram por um projeto de fazer três usinas, na verdade mais duas. A usina Piraju, menor, uma usina aqui embaixo, Piraju 2, que eles deram o nome, matando as

	nossas corredeiras, e uma reforma na usina Paranapanema para eles acabaram chegando na quantidade de energia gerada. Com isso aí, facilitou muito a vida deles para fazerem a usina Piraju, que, na minha opinião, nem essa podia ter vindo. Em 2003, quando eu voltei para cá, quando eu mudei para cá de volta, eles estavam tentando construir a usina de novo, nós estávamos nessa aí, de fazer a PCH, 28 megawatts, gente, coisa que qualquer instalação solar aí faz com o pé nas costas. E quando veio um outro ataque, da CBA, né?
OFF	Lettering: “O início dos anos 2000 foi marcado por uma nova resistência contra um projeto de usina. Dessa vez, de uma Pequena Central Hidrelétrica (PCH) que seria construída nos últimos quilômetros de corredeiras naturais de Piraju.” “O projeto surge em 2001, com uma solicitação da CBA - Companhia Brasileira de Alumínio, do Grupo Votorantim, para exploração da PCH Piraju II, nome dado ao projeto. À frente da CBA estava Antônio Ermírio de Morais.” BG: Water Running,
Tânia Guerra	Foi uma luta insana, uma luta insana. Quando eles foram querer construir esta outra usina, a gente falou, “não, chega de usina em Piraju”, que é o nosso lema e aí a gente começou a se organizar, devagarzinho, aquela coisa…Minha mãe ficava puta da vida, porque eu dava 20 telefonemas por dia. Isso é pago, né? Eu tinha uma lista, o Nelsinho tinha outra, o Alemão tinha outra.

Ricardo Assaf	Eles simplesmente queriam inundar. Então a gente foi atrás e conseguimos reavivar o movimento, renovar o movimento.
Tânia Guerra	E aí, mediante algumas informações, informações concretas, jurídicas, nós começamos a montar um grupo, montamos um grupo e começamos a pressionar a Câmara Municipal de Piraju. E aí eu fiz esse vídeo. Eu falei: “alemão, vamos fazer um vídeo?”
OFF	Recorte do vídeo “Chega de Usina em Piraju - OAT”
Tânia Guerra	Começou já a dar uma viralizada. Aí fizemos uma reunião com vereadores, com autoridades, com o pessoal da Prefeitura, do Iate Clube, também mostramos o vídeo para eles lá. E foi indo, foi indo, foi indo, foi indo. O movimento foi ganhando sustância.
Ricardo Assaf	E conseguimos criar algumas leis que não permitiam que o prefeito municipal desse a certidão de uso do solo para o empreendimento. Com isso, a gente foi barrando. A gente conseguiu indeferir o licenciamento ambiental. Isso a cidade toda se movimentou. Trabalhamos muito.
Tânia Guerra	Foi uma luta, assim, a gente achava que seria uma luta em glória, mas não foi. Foram cinco anos de muita, como é que fala? Conversação política e a gente na orelha dos vereadores.
Ricardo Assaf	E a gente acabou tendo sucesso nessa estratégia de usar as leis municipais como base para impedir que se dê a certidão de uso do solo para se construir um empreendimento que não interessa para o município. A

	população de Piraju definitivamente não tem interesse nisso.
José Luiz Cerveira	Não assim diretamente a comunidade de Piraju possa ter influenciado a criação da legislação, mas isso fazia parte de um corpo que até no Brasil todo estava crescendo. Então, nesse sentido, eu acho que Piraju contribuiu. A originalidade dessa moçada e dos verdes aqui foi um pouco isso, mostrar que uma cidade pequena também tem força para brigar por seus interesses.
OFF	Lettering: “Em 2005, a CBA é autorizada a implantar o empreendimento. Um ano depois, porém, a Agência Nacional de Águas – ANA suspende a resolução que declarava a reserva de disponibilidade hídrica para a PCH Piraju II.” “No mesmo período, a Procuradoria Federal encaminha documento do Ministério Público Federal propondo a anulação da autorização da CBA devido a “ostensiva afronta às normas vigentes no Município de Piraju”, ou seja, as leis municipais de tombamento do rio Paranapanema que o protegia de novas usinas.” “Ainda em 2006, a Procuradoria Federal solicita procedimento de fiscalização para processo de revogação da autorização da companhia.” “A CBA contestou as ações e obteve, por parte da Diretoria da ANEEL, concessão para poder retirar a Licença de Instalação para início das obras até julho de 2008.” “A data chegou, e a companhia foi vencida pelo prazo. A CBA não obteve a licença por indeferimento do órgão

	ambiental do Estado de São Paulo que julgou o empreendimento incompatível com as normas municipais que protegiam o rio Paranapanema.” “Ficou, portanto, indeferida a autorização da CBA para ocupação e construção da PCH Piraju II.” “A história, porém, não parou por aí.” BG: Water Running By
Ricardo Assaf	A CBA desistiu e pensamos “bom, o projeto acabou. Agora, dão sossego para a gente”. O projeto ficou largado lá. Entrou uma empresa pequena, uma tal de Energias Complementares do Brasil e resolveu retomar o processo.
OFF	Lettering: “EC Brasil - Energias Complementares do Brasil chega para tentar construir a PCH Piraju II, projeto que a CBA não havia conseguido anos antes.” “O próximo áudio é de Fernando Franco, ex-presidente da ONG Teyque'-pe', em reunião com a empresa.” + Fala de Fernando Franco
Ricardo Assaf	Eles cooptaram alguns vereadores e esses vereadores começaram a trabalhar com eles. Chamamos a população para pressionar e todo ato, toda vez que acontecia alguma coisa, a população votava com a municipal, com a prefeitura, e sempre protestando, vai embora daqui, nós não queremos usina não. E isso foi tomando corpo.
OFF	Manifestação na frente da Prefeitura Municipal de Piraju. Ricardo Pigatto, da EC Brasil, sai do local sob vaias. Vídeo retirado de “Documentário 20 anos de Teyque-pe' - 3.”

Ricardo Assaf	Nessa última tentativa, foi em 2012, que a gente conseguiu que os vereadores se assustassem, principalmente os que estavam no caixa. Se assustaram bem, alguns familiares desses vereadores começaram a se revoltar com eles. Algumas pessoas que se bandearam para o lado deles. Eu comecei a me preocupar, porque começaram a ser hostilizadas. Muitas perderam boas amizades até hoje. Estão meio largadas por aí. Os amigos não querem muito saber não, por conta da traição. Não foi bonito não. E no final a gente conseguiu.
OFF	Lettering: “A EC Brasil se aproxima do projeto da PCH Piraju II em 2011. Durante o ano, a empresa procurou formas para dar abertura ao processo de licenciamento ambiental e construção de uma nova usina. Em 2012, começa a protocolar documentos, como o Plano de Trabalho, a fim de receber o licenciamento.” “Esse licenciamento, porém, nunca chegou. Na época, a CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) informou que a autorização não seria emitida por conta das "questões legais pré-existentes", ou seja, das leis municipais criadas para proteger novas construções no rio. Com isso, a EC Brasil não avançou no processo, o que não a impediu de fazer novas investidas contra o município nos anos seguintes.” “A ação mais recente foi em junho de 2023, com um novo pedido da empresa para uso e ocupação do solo. A solicitação foi negada pelo prefeito da época.” “Anos antes, porém, em 2014, começa uma movimentação junto ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo para

	revogação das leis municipais que vedavam a construção de usina hidrelétrica no município.” “Em 2017, sai a decisão judicial. As leis foram revogadas decorrentes de Ação Direta de Inconstitucionalidade julgada pelo Tribunal de Justiça de São Paulo e confirmada em Recurso Extraordinário pelo Supremo Tribunal Federal.” “Atualmente, o Panema não conta mais com leis de proteção contra novas usinas. A comunidade, porém, continua com a luta pela proteção de suas águas.” BG: Water Running By
Tânia Guerra	Eu tenho dois orgulhos na minha vida. O primeiro é ter um filho maravilhoso. E o segundo é ter derrotado o Antônio Ermírio de Moraes. Vai construir a usina na casa do caralho. Entendeu? Aqui não entram mais. Mas eu não duvido que eles continuem insistindo não. Não duvido. E se insistir e eu estiver viva, eu ainda vou para cima.
José Luiz Cerveira	Você tem um aproveitamento hidrelétrico aí, que graças a Deus ninguém mais quer porque sabe que se pôr a mão aí vai ter que enfrentar a comunidade pirajuense. E a gente tem argumento. Não é uma gritaria por gritar. Nós temos argumentos. Que começam dizendo a contribuição que nós já demos para a produção de energia elétrica no Brasil.
Rodnei Vecchia	E que essa consciência ambiental do pirajuense continue cada vez mais acirrada, protegendo o meio ambiente, assim como o mundo inteiro está fazendo hoje. Percebendo a importância da preservação ambiental face ao aquecimento global e toda essa literatura que a gente está ouvindo hoje.

Ricardo D’Ercole	Eu acho que já está mais do que demonstrado que Piraju não suporta mais e nós precisamos dar outros usos para o rio, que é o que está acontecendo, felizmente. Agora nós precisamos incrementar isso. É algo que a gente tem que cobrar principalmente dos administradores, das autoridades, para que isso aconteça.
Tânia Guerra	A gente deixou uma semente lá, sabe? A gente deixou uma semente lá. Nada foi em vão, não foi só não construir a usina. Foi também conscientizar uma nova geração. Talvez os pais dessas pessoas não saibam do que se trata. Mas os filhos sabem. E os filhos hoje são pais.
Paulo Viggu	Nós devemos continuar essa militância provocando essa situação que busca sintetizar a força que isso representa. Sete quilômetros de águas livres. De águas originais, vamos dizer. E mostrando, de fato, a força que esse rio sempre traduziu. A força das águas que chegam e passam por Piraju. E que vão-se embora porque o melhor do rio, o melhor é exatamente ele ser seu, ser meu, mas não ser de ninguém passar e ir embora. É o melhor que ele produz para a gente.
OFF	ENCERRAMENTO Vídeos do rio Paranapanema, suas águas, usinas, pessoas nadando e brincando, aproveitando o rio na lagoa, etc. Música: Água boa - Paulo Viggu.
OFF	AGRADECIMENTOS Música: Piraju, o tal do peixe amarelo - Mael Maranho e Marco Hailer

O documentário está disponível no acervo da Biblioteca da ECA

DVD4694